

ANAIS DO  
VIII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

# A PROPRIEDADE RURAL

VOLUME II

LXV

Coleção da *Revista de História*  
Sob a direção do Professor  
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL  
1976

## EMIGRAÇÃO DE INTELLECTUAIS (\*).

---

**EMMANUEL FRANCO**  
da Universidade Federal de Sergipe.

Em 28 de setembro de 1871, foi aprovada no Brasil a “Lei do Ventre Livre”, que declarava livres os filhos de escrava. Em 13 de maio de 1888, foi aprovada a “Lei Áurea”, que declarava livre todos os escravos.

Este período da Abolição, teve como conseqüências para Sergipe, a emigração de intelectuais e de capitais, para a região cafeeira de São Paulo.

No século XIX, a Cotinguiba, a região canavieira de Sergipe, era a região mais rica e mais culta de Sergipe. Os férteis solos de massapê negro, produziam muita cana que os engenhos de açúcar moíam e fabricavam o açúcar que era exportado.

A tecnologia da época permitia que os engenhos produzissem no máximo, 3.000 sacos de açúcar ou 1.500 pães de açúcar.

O caldo cosinhado em tachas abertas, as almanjarras movidas a tração animal, os carros de boi com eixo de madeira sucupira, o trabalho braçal executado por escravos, limitavam a capacidade de moagem dos engenhos de açúcar. Por isto, surgiu uma rica classe média, com engenhos variando entre 100 hectares (330 tarefas) e 300 hectares (1.000 tarefas) de área. Os expoentes da classe já se tornavam, do meio para o fim da existência, uma verdadeira aristocracia rural. Eles iam adquirindo terras e montando engenhos para os seus filhos e filhas. O Dote, era uma prática normal e os casamentos eram verdadeiros negócios.

---

(\*) — Comunicação apresentada na 3ª Sessão de Estudos, Equipe E, no dia 6 de setembro de 1975 (*Nota da Redação*).

O pai do aspirante à noivado, ajustava com o pai da possível noiva, na hora do Pedido de Casamento, qual seria o Dote. Se este conviesse, o casamento seria acertado, os noivos eram apresentados um ao outro e ambos os pais dariam em partes iguais, o que os futuros cônjuges iriam receber. Assim, estes poderiam iniciar a vida. Recebiam escravos, terra e às vezes um engenho de açúcar, moendo, ou de "Fogo Morto". O jovem casal que trabalhasse e puzesse a moer. Se O Dote não conviesse, o pedido era desfeito na hora e não havia casamento.

Uma bem orientada política casamenteira, fazia com que determinadas famílias predominassem na Cotinguiba, nos diferentes quartéis dos séculos XVIII e XIX.

Consanguineidade estreita, com casamentos entre tios e sobrinhas, entre tias e sobrinhos, entre primos co-irmãos ou entre primos carnais, provocavam posteriormente a decadência destes familiares, com o surgimento de outras. A riqueza daquela família passava através a linha feminina que procedia a um refrescamento de sangue, casando-se uma moça rica com um rapaz pobre, mas de sangue estranho. Desta maneira, a riqueza era transmitida através da linha feminina, surgindo então novos nomes de família. A linha masculina era desorientada. Os filhos varões, perdulários e preguiçosos, educados como príncipes, esbanjavam o que herdavam, empobreciam e desapareciam. Daí o apogeu e o desaparecimento de muitas famílias que tiveram fausto e grandesa e depois empobreceram.

Era frequente a fuga de moças ou o rapto, quando o casamento não era desejado, ou para evitar o Dote. Era frequente a viuvez por morte das esposas durante o parto. De vez em quando, assassinava-se o marido, para casar com a mulher quinze dias depois e se assenhorear dos bens. E assim, a riqueza passava de mão em mão.

A propriedade média canavieira, as boas terras produzindo muita cana e muito açúcar por unidade de área, o comércio do açúcar atraindo ingleses e alemães que negociavam com a Europa, fizeram desenvolver cidades como Santo Amaro das Brotas, Maroim e Laranjeiras, inicialmente e depois as demais cidades da Cotinguiba.

Laranjeiras e Maroim se tornaram os centros intelectuais da época. Os senhores de engenho educavam os seus filhos. Cada família devia ter um filho médico, outro juiz e o terceiro Padre. O mais burro, o menos dotado de inteligência, seria o sucessor do pai, o senhor de engenho. Geralmente, o mais inteligente, aparentando ser o mais burro, era quem ficava no engenho e quem mais herdava. Os

formados tinham que lutar pela vida, fora, para enriquecer. Geralmente morriam pobres, quando casavam com moças sem Dote ou com Dote em dinheiro.

Na segunda metade do século XIX, a família Barreto era proprietária de muitos engenhos de açúcar, na Cotinguiaba. O Cemitério da Igreja do Engenho Velho, no Município da Vila de Itabaiana, atualmente pertencendo à Cidade de Santa Rosa de Lima, está cheio de sepulturas de pessoas pertencentes a esta família. Existiam senhores de engenho com sobrenomes Muniz Barreto e outros com sobrenomes Mattos Barreto. Estes engenhos se situavam nos municípios das Vilas de Riachuelo, Divina Pastora e Itabaiana.

No ano de 1875, Francisco Muniz Barreto, era proprietário do Engenho Vassouras, em Divina Pastora. Dr. Antônio Freire de Mattos Barreto era dono do Engenho Contadoro e de dois sítios, no Município de Riachuelo.

Francisco Muniz Barreto herdara de seus pais, que faleceram moços. O Schistosoma e o Impaludismo grassavam na região e provocavam a Hidrópisia ou Barriga d'Água, e os homens morriam cedo. A falta de higiene durante o parto, causava a morte das mulheres. Havia assim, uma sucessão rápida.

O Dr. Antônio Freire de Mattos Barreto, possuía os engenhos das melhores terras do município de Riachuelo, daí a sua riqueza.

Ele conseguiu educar três filhos que foram: Dr. Antônio Freire de Mattos Barreto, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Augusto Freire de Mattos Barreto, laureado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Adolpho Coelho de Mattos Barreto, formado pela Faculdade de Direito do Recife.

Naquela época não se usava acrescentar a palavra Filho ou Júnior, para diferenciar o pai, do filho do mesmo nome.

A partir da “Lei do Ventre Livre”, os mais clarividentes jovens, filhos de senhor de engenho, perceberam o fim da escravidão e procuraram fugir dos seus efeitos.

Havia começado o surto do café em São Paulo e a emigração de italianos para os trabalhos de campo.

Após 1875, Francisco Muniz Barreto, muito jovem, vendeu todos os escravos, o seu engenho Vassouras e partiu para Mococa, no norte de São Paulo, onde adquiriu terras e plantou café. Alí se casou

com uma moça de família muito rica e constituiu família. Muito rico, mais tarde fundou a Casa Bancária F. Barreto, que é atualmente o Banco F. Barreto. Alí ele se radicou.

Seu primo, Albano do Prado Pimentel, referido no nosso trabalho “A venda de um escravo”, vendeu todos os escravos e terras e seguiu também para São Paulo, onde se radicou em Jaboticabal. Comprou terras e plantou café. Enviuvando, casou-se novamente com uma rica paulista. Novos filhos nasceram e todos alí se radicaram.

No início da década de 1880/90, os holandeses montaram três Usinas Centrais de Açúcar. Uma na Paraíba, outra em Campos, no Rio de Janeiro e a terceira em Sergipe. Foi a Usina Central Riachuelo.

Adquiriram 66 hectares (200 tarefas) de terra do engenho Santana, nas margens do Rio Jacarecica, perto da confluência com o Rio Sergipe e aí localizaram a Usina de Açúcar. Construíram uma estrada de ferro, do Central, como passou a ser popularmente chamada, para a cidade de Riachuelo e o Porto do Sapé, na parte navegável por saiveiros, do Rio Sergipe. Começaram a moer na primavera de 1887.

O engenho Contadoro, do Dr. Antônio Freire Mattos Barreto, fica na área de influência da Usina Central. Formando os seus filhos em Medicina e Direito, estes preferiram o sul do país.

A Abolição dos escravos agitava o país e todos previam o fim da escravatura. A propriedade canavieira encarecera e dividira a terra. As propriedades eram pequenas. Houvera divisão e sub-divisão no decorrer das gerações e muitos engenhos foram divididos em pequenas áreas, constituindo-se em sítios.

Com a montagem da Usina Central, utilizando maquinário e tecnologia novas, os engenhos de açúcar tinham um fim previsto. Por isto, quem fosse jovem, ousado e culto ou apenas jovem e ousado, procurasse outras áreas. A Luz Elétrica, símbolo do futuro que se avisinhava, foi pela primeira vez utilizada no Brasil, pelas três Usinas Centrais.

A terra roxa paulista, mais barata que a da Cotinguiba, em Sergipe e a cultura do café com braço assalariado, atraíam aventureiros e ambiciosos. Entre eles estavam a inteligência e capitais sergipanos.

Em 1888, chega a libertação dos escravos. Morre o Dr. Antônio Freire Mattos Barreto, pai. Em 1890, os seus filhos formados e ausentes, não mais encontrando perspectivas em Sergipe, enviam procurações para vender as suas terras e todos os seus bens. Convencem os demais irmãos para venderem tudo e partirem.

As procurações são dirigidas ao irmão Luciano Freire de Mattos Barreto que morava em Divina Pastora. São as seguintes procurações: Dr. Antônio Freire de Mattos Barreto e sua mulher D. Joanna Menezes Barreto, passada em Maroim, Sergipe; Dr. Adolpho Coelho de Mattos e sua mulher D. Maria Isabel do Livramento Barreto, passada em Capivary, Estado de São Paulo, onde era Juiz Substituto da Comarca de Capivary; Dr. Augusto Freire de Mattos Barreto e sua mulher, D. Marianna Lima de Mattos Barreto, passada em Mococa, Estado de São Paulo; D. Clotildes Eugenia de Mattos Barreto, residente em Divina Pastora.

Os bens vendidos foram os sítios Mucambo, com aproximadamente 22 tarefas e Mucambinho, com 8 tarefas, mais ou menos, vizinhos do engenho Contadoro, por dois contos e quinhentos mil réis, a Firmino Muniz de Vasconcellos, citado no nosso artigo “A venda de um escravo”. O engenho Contadoro foi vendido à Usina Central.

Partindo de Sergipe, os Mattos Barreto foram residir em São Paulo. O Dr. Antônio foi para Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro e posteriormente para São Paulo. O Dr. Adolpho Coelho, casou-se com D. Maria Isabel Livramento, de importante família na época, em Capivary. Dr. Augusto casou-se com uma moça da família Lima, em Mococa. Não há notícia dos demais.

Deslocando-se para São Paulo, todos eles levaram capitais que contribuíram para o progresso paulista.

Como Cortez, eles cortaram as amarras da sua terra natal, nunca mais voltaram e se tornaram Paulistas, os condutores deste país.

A Usina Central construiu uma linha férrea para o engenho Contadoro e prolongou para os engenhos Mata e São Felix que também foram adquiridos. Contadoro e Mata foram sempre as suas melhores propriedades de cana. Foi comprando novos engenhos, em um total de vinte e dois e se tornou um feudo canavieiro. No centro de suas terras, apenas não vendeu, Firmino Muniz de Vasconcellos, que não partiu, porém, não empobreceu.

Usinas substituíram os engenhos de açúcar. Cada nova Usina adquiriu os engenhos vizinhos e a concentração de terras iniciada durante e após a Abolição dos escravos, continuou até os nossos dias.

Nos séculos XVIII e XIX, a Cotinguiba, com uma classe média alta, com laivos de aristocracia e com boa distribuição da terra, foi se tornando um feudo canavieiro a partir de 1874. Um século depois, em 1975 uma única Usina de Açúcar, a São José do Pinheiro,

engloba aproximadamente dois terços de suas terras, abrangendo centenas de engenhos e indo do Vale do Rio Vasabarris até o Vale do Rio Japarutuba, descontinuamente. O preço da terra caiu.

Em 1890, 30 tarefas de terra foram vendidas por dois contos e quinhentos mil réis. Cada tarefa custou oitenta e três mil réis. Era um preço muito alto para a época. Se compararmos com o preço de há dois anos atrás, valeria vinte e cinco mil cruzeiros. Descontando a inflação, não teria aumentado o seu preço em um século. Com a supervalorização da terra, em consequência do incremento da inflação, elas valem atualmente quarenta e cinco mil cruzeiros.

A Abolição dos escravos, teve como consequência final, o desaparecimento de uma área de terra onde havia em Sergipe, uma equitativa distribuição da riqueza, onde existiu fausto. Para isto, o progresso não deixou de contribuir. Desapareceram ao mesmo tempo, o fausto e a miséria escrava.

\* \* \*

\*

#### INTERVENÇÃO.

Da Prof.<sup>a</sup> *Betralda Lopes* (FAFI. Santos. SP).

Pergunta:

“O autor centralizou sua comunicação na família Barreto que emigrou para São Paulo, ou realizou estudo de outras famílias? Em caso afirmativo, seria possível uma cópia desse trabalho? Esse e outros informes sobre emigração de famílias de Sergipe para São Paulo poderão ser enviados ao Setor de Documentação do Departamento de História da Universidade de São Paulo?”

\* \* \*

\*

#### RESPOSTA DO PROFESSOR EMMANUEL FRANCO.

À Prof.<sup>a</sup> *Betralda Lopes*.

Afirmou:

“Iniciei apenas estudos sobre a família Barreto. Outras famílias também foram para São Paulo vendendo seus engenhos em Sergipe”.